

CBPF-CS-001/86

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO INFERNO MITOLÓGICO

por

Enrico Mattievich*

Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas - CBPF/CNPq
Rua Dr. Xavier Sigaud, 150
22290 - Rio de Janeiro, RJ - Brasil

*Universidade Federal do Rio de Janeiro
Instituto de Física
Cidade Universitária
Ilha do Fundão
21910 - Rio de Janeiro - Brasil

RESUMO

Pela primeira vez a "Teogonia" de Hesíodo encontra confirmação na arqueologia, prestando-se a uma interpretação geográfica, revelando suas raízes e certos aspectos da natureza dos deuses.

As ruínas do Palacio de Chavín de Huantar, até agora considerado um verdadeiro enigma arqueológico, situado nos Andes peruanos, é aludido nos textos da mitologia grega. Em particular, as representações iconográficas dos deuses adorados neste Palácio, podem ser identificados na "Teogonia".

A descoberta de que a literatura grega conserva referências de um lugar único no mundo, que somente existe no Peru, tem implicações de enorme importância para elucidar a origem cultural das antigas civilizações americanas e revela que na época pre-histórica, chamada heróica ou mitológica, América era conhecida por povos navegadores do Mediterrâneo.

A matéria do presente artigo foi tema das seguintes palestras e conferências:

- Palestra no Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, Rio de Janeiro, 16 de Maio de 1985
- Palestra no Centro Cultural Feminino, CEFE, Rio de Janeiro, 6 de Agosto de 1985.
- Conferencia no Museo Nacional de Antropologia y Arqueologia, Lima, 24 de Janeiro de 1986.
- Conferencia na Associação Cultural "Antares", Artes e Letras, Lima, 3 Fevereiro 1986.

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO INFERNO MITOLÓGICO

Introdução. O assunto abordado neste artigo é um extrato do primeiro capítulo do "Inferno", livro inédito escrito pelo autor (1). Trata da localização geográfica do Inferno mitológico e da natureza de seus deuses, referidos na "Teogonia" de Hesíodo.

Os cépticos negam qualquer realidade histórica ao Inferno, que os antigos poetas gregos chamavam Hades ou Tártaro; em relação a sua localização asseguram que são meras ficções, nada mais que uma mistura de fábulas ridículas (2).

É evidente que filósofos e poetas utilizaram o tema do mundo inferior e as alegorias mitológicas para construir seus sistemas simbólicos; porém, não parece ter sido esta a diretriz original que norteou os antigos autores; eles procuravam identificá-lo sempre com a topografia real, e inclusive pretendiam ter localizado as suas entradas. Na "Odisséia" de Homero, Circe disse a Ulisses que a entrada encontrava-se nas extremidades do Oceano. Virgílio a situava perto do lago Averno. Outros diziam que se encontrava no promontório de Tênaros, na Lacônia; ou ainda, nos antros de Cilícia. Todos parecem concordar que, após descender ao Inferno, para penetrar nos domínios de Hades, devia-se navegar pelos rios do mundo inferior: O Aqueronte, o Cócito, o Piriflegeton e o Stigio.

Não teria se retirado a poeira que cobre a antiquíssima teogonia dos gregos e examinado com atenção seu texto, se não tivesse plena convicção de haver encontrado novas evidências que indicam que os mitos considerados nesse livro são, na realidade, uma forma pela qual se preservam os anais mais antigos da humanidade, a chave para elucidar a origem cultural das civilizações da América pré-colombiana. Em particular de Chavín, que os arqueólogos descobriram no Perú.

Atlas-Hespérides

Na literatura geográfica e poesia greco-romana sempre existiu uma estreita relação entre o "titã sustentador" e as "terras do sol poente". Porém, é na "Teogonia", um antiquíssimo tratado grego sobre deuses, escrito por Hesíodo no século VIII ou IX antes de nossa era, onde encontraremos a mais autêntica definição sobre o binômio Atlas-Hespérides. Neste velho texto, o filho de Jápeto, Atlas, ou uma montanha com esse nome, está situada no Tártaro, onde os gregos acreditavam se encontrasse o inferno⁽³⁾ (versos 736-749):

"É lá que estão juntas as fontes e os limites de todas as coisas, da terra trevosa e do tenebroso Tártaro, do mar estéril e do céu estrelado; lugar penoso e úmido que mesmo os deuses consideram horrendo; vasto abismo, nem ao término de um ano inteiro atingiríamos seu fundo; uma vez que tivéssemos transposto suas portas, ainda seríamos arrebatados de tormenta em tormenta, de cá para lá com violência. Espantoso prodígio, até para os deuses imortais. Lá se encontra o palácio da noite tenebrosa, oculto por escuras nuvens".

"Defronte a este lugar eleva-se o filho de Jápeto, sustentando o vasto céu com a cabeça e seus infatigáveis braços, sem desfalecer".

Três ou quatro séculos depois de Hesíodo, Heródoto, o pai da História, foi à procura e pretendeu ter achado a elevadíssima montanha, que parecia sustentar o céu, no extremo ocidental da Terra⁽⁴⁾.

Em nenhum lugar ocidental da África existe região alguma que corresponda à descrição da montanha que pretendia ter localizado Heródoto, nem da topografia descrita por Hesíodo. Não passou muito tempo sem que o pai da História fosse desmentido; disto se ocupou Estrabão. Descrevendo a geografia da África no início de nossa era, Estrabão indica que passando o estreito de Gibraltar se encontra uma montanha, que os gregos diziam ser o Atlas e os bárbaros Dyris. A história da Geografia assinala que os árabes chamam Daram ao Alto Atlas⁽⁵⁾.

Se Atlas, as Hespérides, o Palácio da Noite e a topografia do Tártaro, ou pelo menos algo que o representasse, existiu alguma vez, na época de Heródoto não se encontrava mais dentro dos limites do mundo ocidental. Ter-se-iam reduzido os confins do mundo conhecido?

Tártaro, Inferno ou América do Sul ?

Se alguma vez neste planeta existiu uma região que inspirou os versos de Hesíodo, esta região começa na foz do Amazonas e prossegue na extensa bacia hidrográfica do rio, que se aprofunda por densa floresta até os contrafortes andinos : "lugar penoso e úmido que mesmo os deuses consideram horrendo" - Impressões de antigos navegantes que há mais de três mil anos navegaram o Amazonas ? - "Nem ao término de um ano inteiro atingiríamos seu fundo" - Exagero? Ou era o tempo empregado por uma expedição, remontando as correntes do rio, pretendendo chegar até as impressionantes portas formadas pelo pongo^(*) de Manseriche ? Fig. 1. Profunda e estreita garganta que estrangula o rio Marañón, elevando-se a 600 metros de altura : "Vasto abismo, nem ao término de um ano inteiro atingiríamos seu fundo, uma vez que tivéssemos transposto as portas, ainda seríamos arrebatados de tormenta em tormenta, de cá para lá, com violência".

O Marañón tem diversos turbilhões dentro do pongo de Manseriche e no seu curso superior, antes de cruzá-lo. Este movimento turbulento das águas é um grande perigo para quem pretende navegá-lo. Os exploradores que se aventuraram nesta empresa, relatam que a embarcação devia ser conduzida com grande perícia, para não ser arrebatada de turbilhão em turbilhão⁽⁶⁾.

A localização da região geográfica associada ao mito de Atlas pode tornar-se tão importante hoje para elucidar a origem de nossa civilização, como o foi no passado a função que a mitologia lhe atribuía de sustentar o céu.

A procura do Atlas e do Mitológico Palácio da Noite

Remontando o curso do Alto Marañón, depois de atravessar a impressionante abertura do pongo de Manseriche, de zona tropical e úmida, ascendemos até as elevadas serras. Nesta região, o Marañón corre tumultuoso em direção Norte, entre duas serras. A da margem esquerda é chamada Cordilheira Branca ; é ali que destaca o Huascarán com 6.700m. de altitude. Mais ao Sul se encontram as fontes do Marañón e consequentemente do Amazonas, na lagoa de Lauricocha, situada aos pés do Yarupajá, que se eleva a 6.617m de altitude. É uma das regiões mais espetaculares do Peru.

(*) Corruptela de punco. Em língua Quechua, punco, significa porta.

Nesta região, situada ao Sul do Departamento de Ancash, a cordilheira, quase sempre coberta por nebulosa atmosfera, com seus imensos picos congelados por perpétua neve, parece estabelecer o ponto de união entre a terra e o céu. A atmosfera muda constantemente, apresentando aos olhos do viajante os mais variados efeitos. As nuvens, acumulando-se e cobrindo as montanhas, se confundem com a neve, dando ao conjunto o aspecto de um verdadeiro caos. A atmosfera escurece e subitamente a cena adquire um aspecto terrível e sombrio⁽⁷⁾.

Nesta região, seguindo ao pé da letra os versos de Hesíodo, deveremos achar a alta montanha, aos pés da qual moravam as górgonas, no "Palácio da Noite". Efetivamente, aos pés destas montanhas, tal como descrevem os versos de Hesíodo, se encontra um palácio ! Ou melhor, as ruínas do que deve ter sido um famoso oráculo, o único nesta região, que impressiona pelo seu porte e notável arquitetura, integralmente construído com pedras lavradas.

Nestas ruínas, conhecidas com o nome de Chavín de Huántar e nas galerias dos museus, podemos apreciar, esculpidas e gravadas em pedra, estranhas obras de arte : monstruosas cabeças, górgonas, cêrberos, enfim, a própria descendência dos filhos de Cronos.

As antigüíssimas ruínas de Chavín de Huántar estão situadas no Departamento de Ancash, a 3.180 metros sobre o nível do mar. De Huaráz, capital do Departamento, pode-se chegar até lá após percorrer 107Km de estrada. As ruínas estão encravadas num estreito vale, nas vertentes orientais da Cordilheira Branca. Ocupam uma área de 40.000 metros quadrados, na confluência de um riacho torren~~to~~ toso com o rio Mosna, que passa frente às ruínas, dirigindo-se ao Norte, até o rio Marañón, (Fig. 2, e Fig. A).

Conhecidas desde os primeiros dias da ocupação espanhola, as ruínas permaneceram parcialmente cobertas por uma massa de aluvião, arrastada pelas águas da quebrada do torren~~to~~ toso riacho. Até o início do presente século foram utilizadas, pelos camponeses do lugar, como campo de cultivo. A partir de 1919 iniciaram-se os trabalhos de limpeza e os estudos sistemáticos, por iniciativa do Dr. J.C.Tello⁽⁸⁾.

O labirinto de Chavín de Huantar .

Todos os edifícios de pedra mostram uma clara unidade arquitetônica, indicando que se trata de uma construção planejada. As pedras, bem polidas e artisticamente trabalhadas, advertem ao observador a magnificência e imenso prestígio que devia ter este palácio em outra época. Mas o que realmente surpreende o visitante é a ausência de salas ou quartos espaçosos. De maneira que resulta evidente que, quem planejou estas construções planejou um labirinto (Fig. 3 e Fig. B).

O labirinto é formado por uma rede de galerias, onde é possível circular de pé sem dificuldade. Todas as paredes são de uma grossura notável. As galerias de seção retangular estão distribuídas em diferentes planos, acima e abaixo do solo.

Outros condutos retangulares, de menor seção, intercomunicam com algumas câmaras e com os condutos situados em níveis inferiores. Estes últimos descrevem trajetórias curvas e têm suave declive e, evidentemente, são condutos hidráulicos. O conduto ou coletor central é de grande porte (é possível caminhar pelo seu interior) e devia permitir uma grande vazão. A saída desemboca em frente ao palácio, no rio Mosna.

A Górgona Petrificada

No centro do edifício menor, na intersecção de duas galerias subterrâneas em forma de cruz se encontra um estranho pilar de granito de 4,50m de altura, que evidentemente devia ser ou representar a divindade principal daquele palácio (Fig. 4). Inicialmente se encontrava suspenso, preso pelo extremo superior, entre dois blocos de granito. Em 1919 foi desprendido dessa posição ao mexerem nas lajes de pedra do quarto superior. A ponta inferior devia permanecer suspensa no ar a certa altura do chão. Na câmara superior, na qual se podia penetrar por uma ponte elevadiça, está o quarto de sacrifícios. A ara de pedra nunca foi encontrada. O sangue das vítimas escorria sobre a superfície do ídolo e pelos condutos profundamente gravados na sua superfície, que formavam a imagem deste deus ou demônio.

Pela aparência, o pilar de granito foi chamado "Lanzón", apesar de, mais do que lança, parecer uma faca de cabo estreito.

Imbelloni igualou a imagem gravada no "Lanzón" à górgona dos gregos (Fig.5). Em 1926, comparando-a com o gorgonião (cabeça de górgona) do recinto sagrado de Siracusa, faz uma análise comparativa

destas imagens, que merece ser copiado por extenso ⁽⁹⁾;

"No creo necesario subrayar la identidad de las curvas que indican los párpados, el ojo, la nariz. El relieve que representa los labios dibuja una "elipsoide" de igual tamaño relativo y que está encorvada en sus extremos hacia arriba, con una fidelidad sobremanera inquietante. Pero el mayor efecto lo provocan las espirales que representan los cabellos (transformados en serpientes!) que en ambas composiciones están envueltos en idéntica dirección, y su número es idéntico. En realidad estos hechos suscitan en la mente del observador reacciones inesperadas".

Mas, em vez de seguir o caminho lógico e procurar a causa mais provável da extraordinária semelhança, disse :

"Para conservar una conducta extremadamente severa, el autor no afirma que debe tratar-se de dependência cultural de Grecia pasada a América" e finaliza com o seguinte postulado : "Estamos en el límite extremo de lo que puede concederse a la convergência".

Nos dias em que Imbelloni escreveu essas linhas não existia a técnica de datação mediante radiocarbono, e ninguém podia prever a grande antiguidade desses monumentos. Hoje, os arqueólogos sabem que a civilização de Chavín apareceu no Peru a partir de 1600 a.C. . Mediante a datação do material orgânico associado a objetos mais antigos desta cultura, a cerâmica encontrada nos estratos mais profundos nas ruínas de Chavín de Huántar, permitem situar a construção deste edifício no fim do segundo milênio antes de Cristo (em alguma época ainda incerta, entre 1500 e 1000 a.C.).

A antiguidade das ruínas indica que a górgona gravada na pedra se encontrava nas galerias do palácio de Chavín antes que o poeta Hesíodo escrevesse a Teogonia. Justamente nesse livro se encontra uma informação importante, que revela o lugar onde moravam as górgonas (nos versos 274-278):

"As górgonas habitam no outro lado do famoso Oceano, nas regiões extremas próximas da noite, lá onde estão as Hespérides de ~~sonoras~~ vozes. Esteno, Euriale e Medusa. Esta última, que sofre um espantoso infortúnio, é mortal (*); as outras duas são imunes à morte e à velhice".

A surpreendente semelhança de imagens e os versos precedentes, descontando o estilo hiperbólico da poesia épica, nos permitem supor que os deuses do Tártaro não foram apenas o resultado da fe

(*). Segundo a mitologia grega, este infortúnio é causado por Perseu que lhe decepou a cabeça (10).

bril imaginação de poetas, como geralmente se supõe. O que a mitologia denomina "Palácio da Noite" se referia ao palácio de Chavín de Huantar. O Tártaro, o inferno da mitologia grega, aludia a uma geografia real, perdida nos tempos de Hesíodo. Agora, auxiliados pela arqueologia, podemos identificá-lo na América, em particular com a região do atual Perú.

Identificada a mais antiga representação antropomorfa da górgona, e sabendo que foi o deus principal naquele palácio, não seria nada estranho achar algum mito ou lenda nas tradições indígenas peruanas, que faça alusão a esta importante divindade.

Huariviracocha, a versão andina de Perseu .

Na memória do povo daquela região que se chamava Conchuco (alguns dizem que o nome antigo de Chavín era Pincush), o tempo tinha apagado o significado dos ídolos de pedra; porém, apesar de tudo, algumas tradições indígenas ainda lembravam um deus poderoso, que tinha barbas, e que transformava os homens em pedra.

Uma antiga tradição dos índios peruanos recolhida em 1619, descreve Huariviracocha, ou Huari simplesmente, como um deus gigante com barbas. Huari, que procedia do lago Titicaca "por onde passava convertia os homens em pedra". Os antigos habitantes de Conchuco ou Pincush, temerosos do poderoso deus barbudo, conspiraram, preparando-lhe uma cilada para matá-lo⁽¹¹⁾.

Com esse objetivo planejaram uma festa, porém Huari, que era muito sábio, suspeitando das intenções, permitiu que seus inimigos se congregassem e aceitou o convite. Quando todos estavam reunidos, os transformou em pedra. Desde essa época, prossegue o relato de 1619, a "casa" onde teve lugar a transformação, foi tida em grande consideração, tornando-se um oráculo importante que falava e dava respostas aos principais daquela região.

Duviols, que deu a conhecer o teor desses velhos documentos, sem perceber que se tratava de uma lenda paralela ao mito de Perseu, conclui que a "casa" onde os homens foram supostamente petrificados por Huari, é o mesmo edifício conhecido atualmente com o nome de Chavín de Huantar.

Perseu, a quem o mito greco-romano atribui a vitória sobre a Górgona, transformou em estátuas de pedra a Pineo e seus aliados, mostrando-lhes, no palácio do próprio Pineo, a cabeça da Górgona (Ovídio, Metamorfosis, Liv. V).

Não sabemos ainda que acontecimentos históricos perdidos se escondem por trás deste mito, mas muito provavelmente a tradição peruana e o mito greco-romano tiveram a mesma origem. Por um lado, o mito foi enriquecido pela fantasia dos poetas, enquanto que a tradição conservada no Perú sofreu uma condensação. O herói argivo, com o seu gorgonião petrificante, transformou-se no gigante barbudo Huari.

Depois dos trabalhos de limpeza de 1940, foram aparecendo, uma após outra, monstruosas cabeças, esculpidas com extraordinária arte (Fig. 6). Exibidas nas paredes externas como se fossem troféus petrificados, todas elas têm, os olhos exageradamente abertos. (Fig. 7). Estas famosas "cabeças clavadas" que circundavam os muros externos do palácio, à luz do mito da Górgona, que transformava em estátuas de pedra quem a olhasse, revelam seu misterioso significado.

Cerberos, o cão de Hades

O mitológico "Palácio da Noite" estava protegido por um astuto vigilante, "o terrível cão que protegia a sua entrada". A mitologia grega faz referência a uma ampla porta que dava acesso ao mundo subterrâneo. O seu umbral defendido por um monstro terrível, o cão Cérbero. Hesíodo fala deste monstro no verso 312 da Teogonia: "Cérbero, o cão de Hades com voz de bronze, de cinquenta cabeças, monstro furioso e poderoso". O número de cabeças do guardião do reino subterrâneo varia segundo os autores, ora tem uma, ora tem cinquenta⁽¹²⁾. Seu aspecto também não é uniforme nas diversas representações mediterrâneas. Às vezes, parece um cachorro ordinário, outras tem patas de leão e em outras representações se destacam serpentes ao redor de seu corpo (Fig. 8). Qual foi o aspecto deste engendro infernal na própria morada?

Na cornija posterior do palácio de Chavín se encontra gravado o desenho de duas figuras, impropriamente chamadas "felinos em plumados" por alguns especialistas (Fig. 9(b)). Certamente não é fácil classificar faunas mitológicas, porém é necessário ser muito míope, para confundir cabeças de serpentes com plumas. Com efeito, como se aprecia na Figura 9(b) trata-se de uma representação mitológica

draconiana, rodeada por cabeças de serpentes. Hoje, como no remoto passado, o problema reside em definir qual é o número de cabeças desse bicho. Além da cabeça principal no lugar que corresponde, tem outra cabeça no extremo da cauda e duas cabeças de serpentes saindo da mandíbula. Uma destas figuras está rodeada por nove cabeças de serpentes e outra tem onze. Obviamente esta cornija não pode ser o umbral do Palácio da Noite que fala Hesíodo. Entretanto, a partir do ano 1972 foram descobertas outras representações desta figura mitológica, situadas ao redor de uma praça circular, exatamente em frente do edifício que contém a gorgona (Fig. 10 (a) (b)). Como sugerem os textos gregos, é possível que tenham existido outras representações desta figura, de maior destaque, provavelmente situadas no umbral da porta de acesso principal.

Estela Raimondi, a representação de Tifeu e dos Gigantes Hecatônquiros.

A mais surpreendente imagem desenterrada em Chavín de Huántar está representada na estela Raimondi, que leva o nome de seu descobridor (13).

Trata-se de um bloco monolítico retangular de granito (195 x 75 x 17 cm³), perfeitamente polido, no qual aparece artisticamente gravada a representação antropomorfa de algum poder violento e destrutivo (Fig. 11a). O que representa esta esfinge americana?

Desde 1860, ano em que foi encontrada por Antonio Raimondi na casa de um agricultor, onde era usada como mesa, destacados americanistas foram devorados pela curiosidade procurando em vão uma resposta. (14)

Max Uhle, um dos mais conceituados arqueólogos, considerado fundador da arqueologia peruana, a identificou com o "escalopendro-tigre" (centopéia-tigre), o monstro que devora o Sol e a Lua na mitologia americana.

Ao contrário das representações da górgona e de cérbero, que aparecem tanto na América como na região do Mediterrâneo, a imagem da estela Raimondi foi encontrada única e exclusivamente no Perú.

Mas eis aqui uma vez mais, como se a Teogonia de Hesíodo fosse um oráculo, a resposta (V.146-153): *"Três filhos nascem da Terra e do Céu, enormes e vigorosos, seus nomes não devem ser pronunciados, os terríveis Cotos, Briareu e Giges, monstruosos engendros. De seus ombros se projetam cem braços ameaçadores, cinquenta cabeças se projetam dos ombros de cada um, sobre seus robustos membros. Uma força terrível e poderosa alberga-se no seu enorme corpo"*.

Efetivamente, a imagem parece ter cem pés, ou melhor, cem braços, por encontrar-se sobre os ombros. Uma análise quantitativa dos elementos gravados na Estela Raimondi mostra que, além dos cem "braços" sobre os ombros também se projetam cinquenta cabeças de serpentes.

O poeta, frente à estela não poderia tê-la descrito melhor: *"De seus ombros se projetam cem braços ameaçadores, cinquenta cabeças se projetam dos ombros de cada um"*. Estes versos, que descrevem os titãs ou gigantes chamados ἑκατόρχειρος (a cem braços) na poesia hesiódica, indicam quantitativamente os elementos gravados na estela Raimondi.

Que significa a trindade de gigantes de que fala Hesíodo? Os deuses ctonianos são simplés mito-iconografias? À luz destas confrontações, podemos interpretar o mito dos Hecatônquiros como uma simples descrição de imagens gravadas no templo de Chavín? Existiram inicialmente três estelas iguais?

A hipótese mito-iconográfica não é satisfatória, já que o mito hesiódico se desdobra numa quarta entidade semelhante, Tifeu, o deus apocalíptico caracterizado por infernal teofonia, (Teogonia, v.820-835):

"Logo que Zeus expulsou do céu os Titãs, nasceu um novo filho, Tifeu, fruto da Terra prodigiosa unida ao Tártaro, pela vontade de Afrodite de ouro. Seus braços adaptados para obras de força, tem os pés infatigáveis de um deus poderoso. Sobre seus ombros elevam-se cem cabeças de serpentes, de dragões espantosos que dardejam línguas pretas. Os relampejantes olhos destas prodigiosas cabeças lançavam faíscas. Rebombantes vozes eram emitidas por estas cabeças, produzindo vários sons extraordinários, difíceis de compreender, ininteligíveis para os mesmos deuses, mugidos de um poderoso touro, feroz e indomável, misturados a rugidos de um leão de coração audacioso, assim como de outros gritos semelhantes a cadelas, prodígio de ouvir-se, outras assoviavam fazendo-lhes eco as altas montanhas".

Teo-fonia

Quem visita Chavín de Huántar e contempla as silenciosas ruínas, integradas na plácida paisagem serrana, dificilmente poderia imaginar os impressionantes efeitos acústicos que podia produzir aquele palácio .

As galerias subterrâneas foram desenhadas para conduzir apreciável fluxo de água, como comprova o canal de drenagem principal, com aproximadamente dois metros quadrados de seção, que desemboca no rio Mosna. A água, que era captada em algum ponto superior da quebrada, penetrava por canalizações situadas no lado oeste do palácio. Neste lado, os frequentes deslizamentos e as obras de construção da moderna estrada terminaram por apagar todo vestígio destas canalizações.

Porém, na região frontal, no lado leste do palácio, ainda estão intactos os canais (alguns são verticais e outras muito inclinados) de seção retangular, que podiam ser excitados por água, como os tubos de um órgão são excitados por ar. Nestes condutos de pedra, a água penetrava com violência por uma entrada lateral, situada na parte superior e terminada numa saliência de pedra, formando uma lingüeta, que forçava a água descrever um arco. (Fig. 12). O ar comprimido nesse espaço entrava em oscilação. Desta forma, o labirinto, com as câmaras de ressonância em comunicação acústica com os osciladores verticais, produzia e reforçava o som .

Como me foi referido em 1983 por Gregório Perea Martínez, conservador do sítio arqueológico de Chavín, os arqueólogos que trabalhavam na limpeza e conservação das ruínas, também chegaram a mesma conclusão. Alguns, inclusive, tentaram excitar as oscilações acústicas, despejando um barril de água pelo conduto vertical. Como era de se esperar, devido à pequena quantidade de água e a forma inapropriada de excitação, não conseguiram produzir nem o mais modesto som.

É muito provável que a zoofonia descrita nos versos precedentes (828-835), seja uma reminiscência dos sons produzidos para imitar : a Teo-fonia de Tifeu, as estridentes vozes das górgonas e a poderosa voz de bronze do cão Cérbero. O fato de que, no século vinte, as tímidas tentativas de arqueólogos não conseguiram provar nada, não significa que mais de trinta séculos atrás, seus construtores não tivessem realizado com êxito as experiências hidro-acústicas, para as quais foi construído o palácio de Chavín.

AGRADECIMENTOS

O livro "Infierno", do qual este artigo corresponde ao primeiro capítulo, é dedicado ao naturalista Antonio Raimondi, por seu notável labor científico realizado no Peru, entre 1850 e 1890.

Agradeço ao Prof. Erich Meier pela sugestão de visitar as ruínas arqueológicas de Chavín de Huantar em 1981 e pela paciência que teve de escutar com interesse as minhas reflexões arqueológicas. Agradeço finalmente ao Prof. J. Leite Lopes por ter acolhido com interesse este trabalho e sugerido a sua publicação em "Ciência e Sociedade".

Dados complementares indicando a procedência das ilustrações.

- Fig. 1 Lâmina nº V - Gravura copiada de fotografia (A.Dumontel) Antonio Raimondi "El Perú", Tomo II (Historia de la Geografía del Perú - Libro I), (1876) Lima.
- Fig. A Cópia da Fig. 3 Julio C. Tello "Chavín" (1960) Lima.
- Fig. 2. Fotografia do autor.
- Fig. B Planta do Palacio de Chavín de Huántar, según Arquitecto Germán Costa, publicada por Maria Scholten de D'Ébneith "Chavín de Huántar", (1980) Lima.
- Fig. 3 Cópia da fig. 9, Julio C. Tello "Chavín" (1960) Lima.
- Fig. 4 Fotografia do autor (cores)
Branco e preto: cópia da fig. 32, Walter Lehmann "The Art of Old Perú" 1924, Ernest Benn; London.
- Fig. 5 Cópia da Lâmina XV; José Imbelloni "La Esfinge Indiana" (1926) Buenos Aires.
- Fig. 6 Cópia da fig. 7; Julio C. Tello, "Chavín"
- Fig. 7 Fotografia do autor.
- Fig. 8 a) figura da pag. 329, M.J.Richepin.
"Nueva Mitología Ilustrada" Tomo I, (1927), Barcelona.
b) figura da pag. 177, Obra Citada, T - II.
- Fig. 9 a) Figura da pag. 331, Obra citada, T-I
b) cópia da fig. 263; Federico Kauffmann Doig
"Manual de Arqueología Peruana", (1973) Lima
- Fig. 10 Fotografia do autor.
- Fig. 11 Cópia da figura 33, Julio C. Tello "Chavín"
(Interpretação a direita do autor)
- Fig. 12 Segundo Luis. G. Lumbreras, "Informe de Labores del Proyecto Chavín"; Arqueológicas Nº 15
Publicaciones del Instituto de Investigaciones Antropológicas del Museo Nacional de Antropología y Arqueología de Lima (1974).

EL PERU



Cópia do original de uma fotografia

Fig. 1 Entrada leste do Pongo de Manseriche

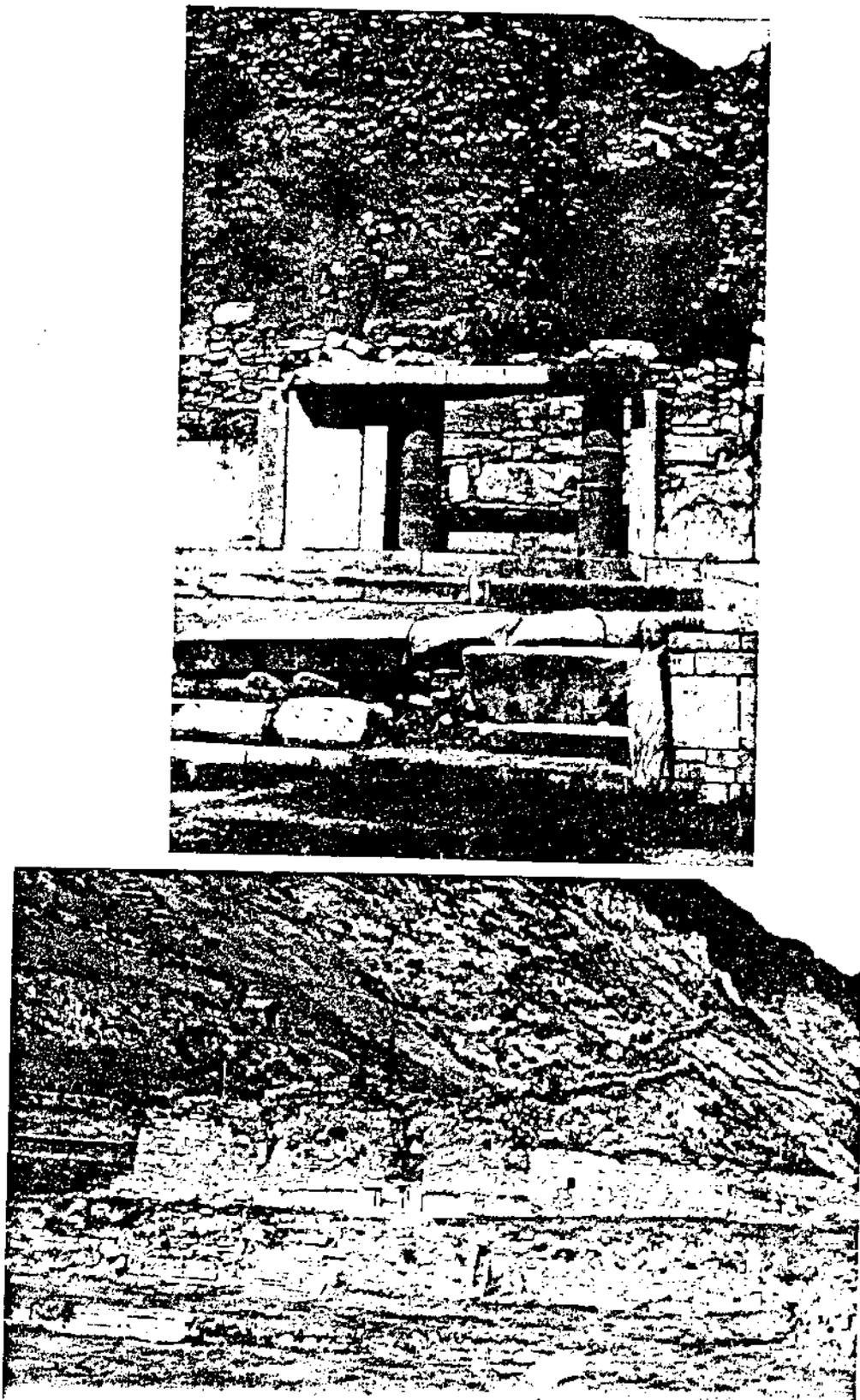


Fig. 2 Vista panorâmica do frontis oriental do Palácio de Chavín. No lado inferior esquerdo a praça principal, no centro o templo principal, e na esquina superior direita a quebrada de Wacheksa. A figura superior mostra o portal, reconstruído.

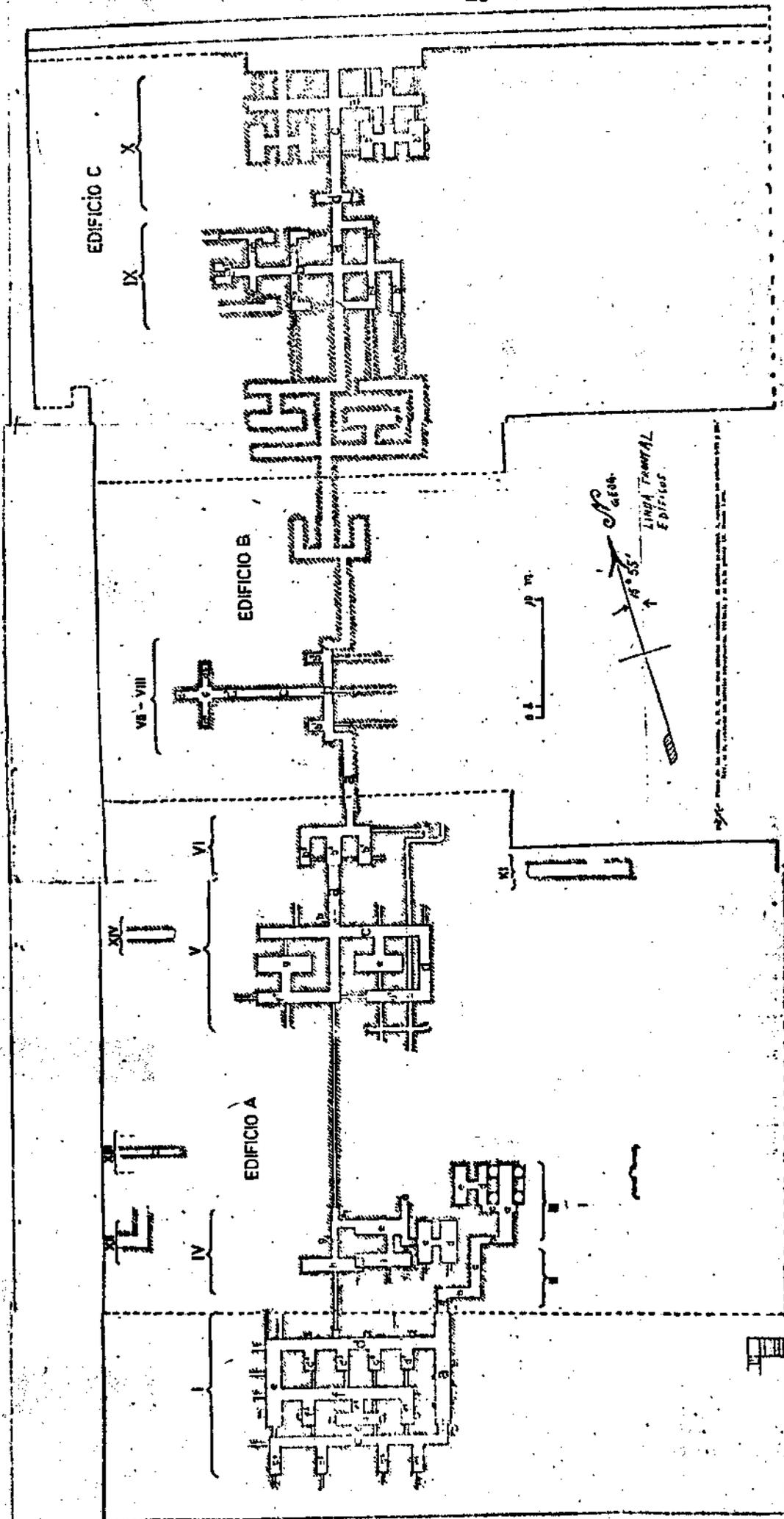


Fig. 3

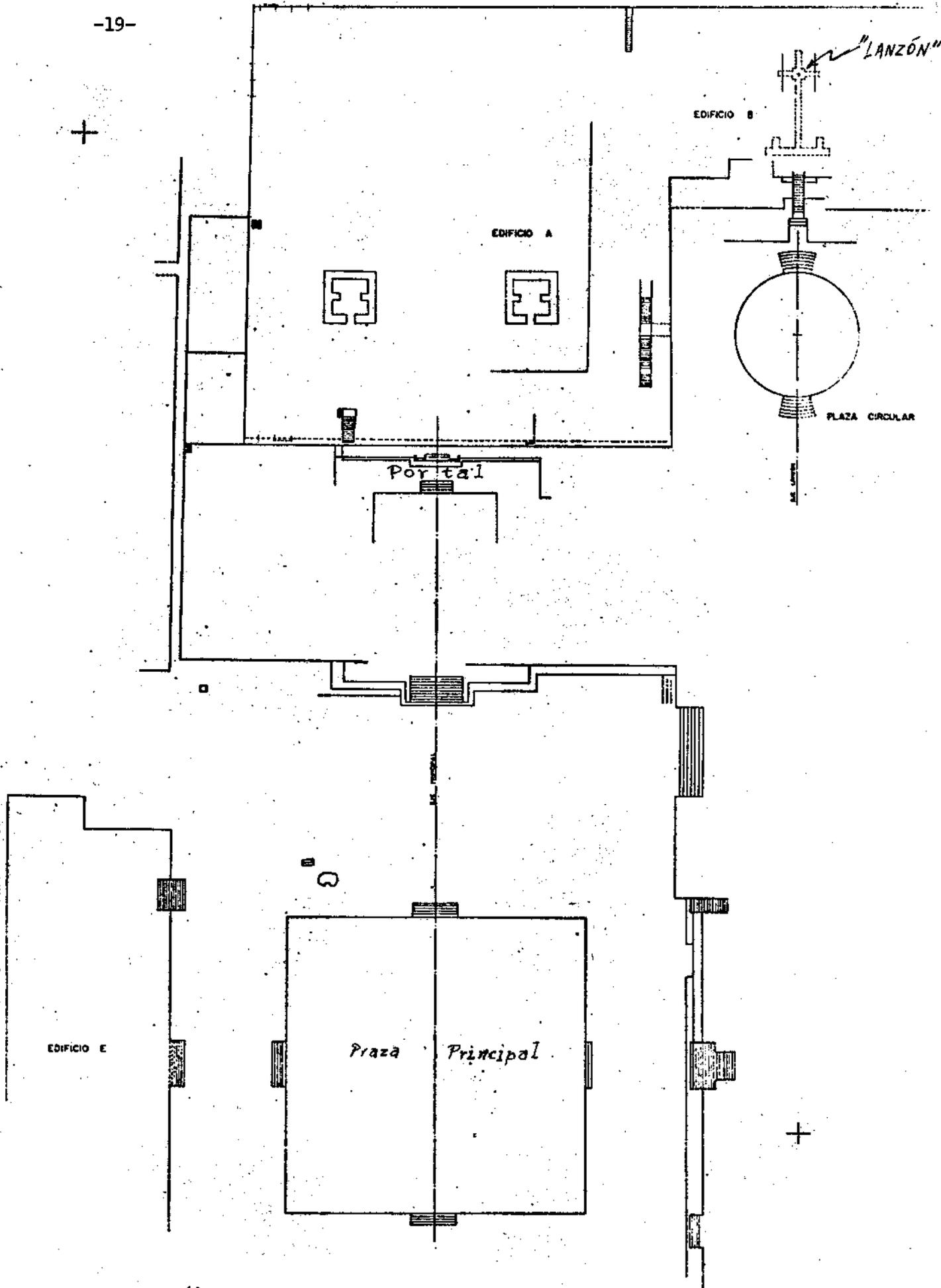


Fig. B
Planta de Chavin de Huantar

N GEOG.

15° 55'

	ZONA ARQUEOLÓGICA DE CHAVIN
	PLANTA GENERAL



Fig. 4 "Lanzón" de Chavín (in situ) identificado com a imagem antropomorfizada mais antiga da Gorgona. À esquerda, rosto e corpo do lado Norte. Acima, imagem total do lado Sul.



II. MONSTRUO GORGÓNICO EN GRECIA, ITALIA, COLOMBIA Y PERU.

Fig. 5 1 e 2, figuras gorgónicas mais antropomorfizadas de Atenas e Colombia. 3 e 4, imagens nas quais Imbelloni enfatiza a semelhança do gorgonião de Siracusa com o "Lanzón" de Chavín.

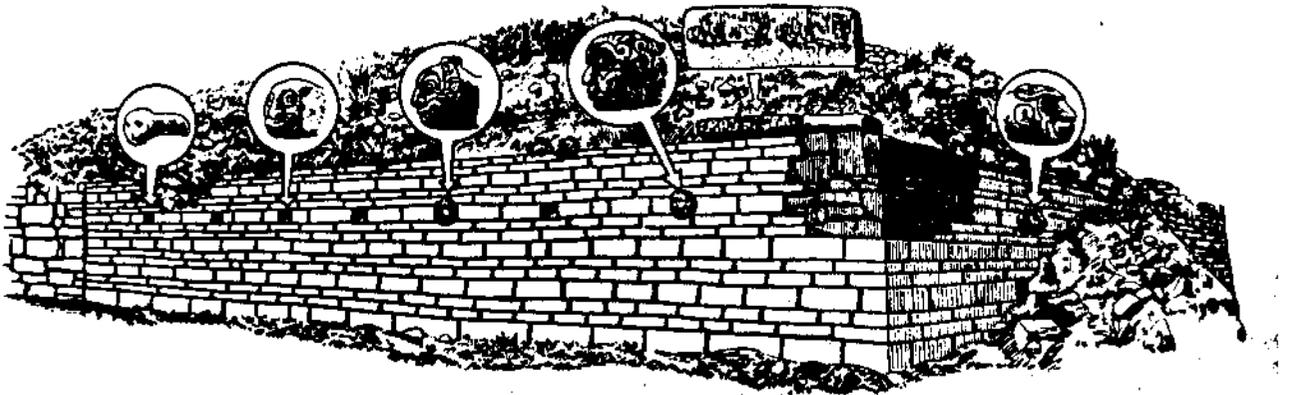


Fig. 7. Panorámica de la fachada occidental del edificio A, después del resultado de las excavaciones de 1940, con la ubicación de cabezas clavos y cornisas con figuras grabadas. En una extensión de 20 metros se cuentan siete ubicaciones de cabezas escultóricas, 2 in situ, 3 caídas y 3 ausentes. La parte superior de la esquina SO., lado derecho de la figura, muestra una reparación con piedras de diversos tamaños que no guarda relación con la estructura primitiva del edificio. En la fachada B. también hay cabezas clavos, entre ellas una en buen estado de conservación al mismo nivel que las de la fachada O.

Fig. 6

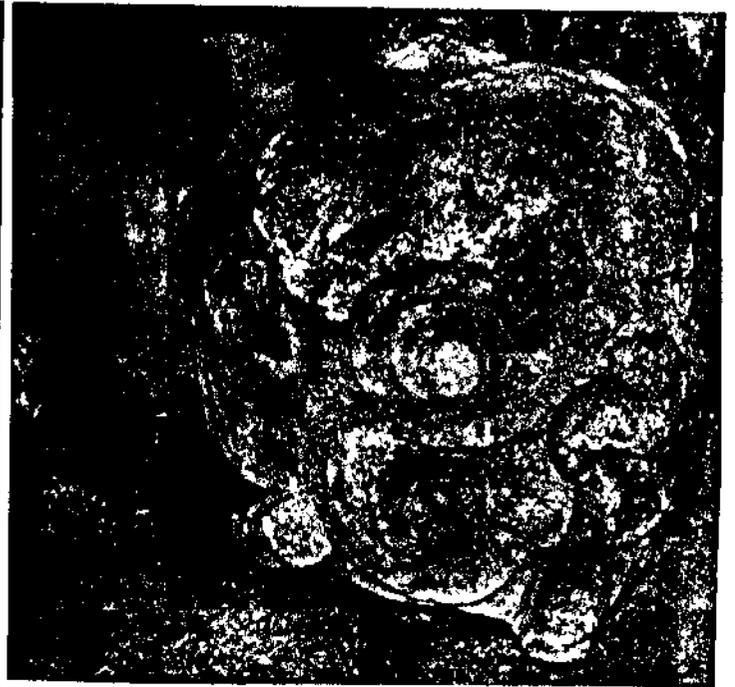


Fig. 7 "Cabezas clavos", conservadas nas galerías do palácio de Chavín de Huantar.



(a)



(b)

Fig. 8 (a) O Cão Cerbero (Conze, "Heroen und Goettergestalten". (b) Héracles e Cérbero, anfora tirrena (Richepin, "Nueva Mitologia Ilustrada").

HADES Y LAS DIVINIDADES SUBTERRÁNEAS

331



Heracles, seguido de Hermes, penetra en el Hades.
El dios de los infiernos huye, mientras Perséfone hace frente al héroe.

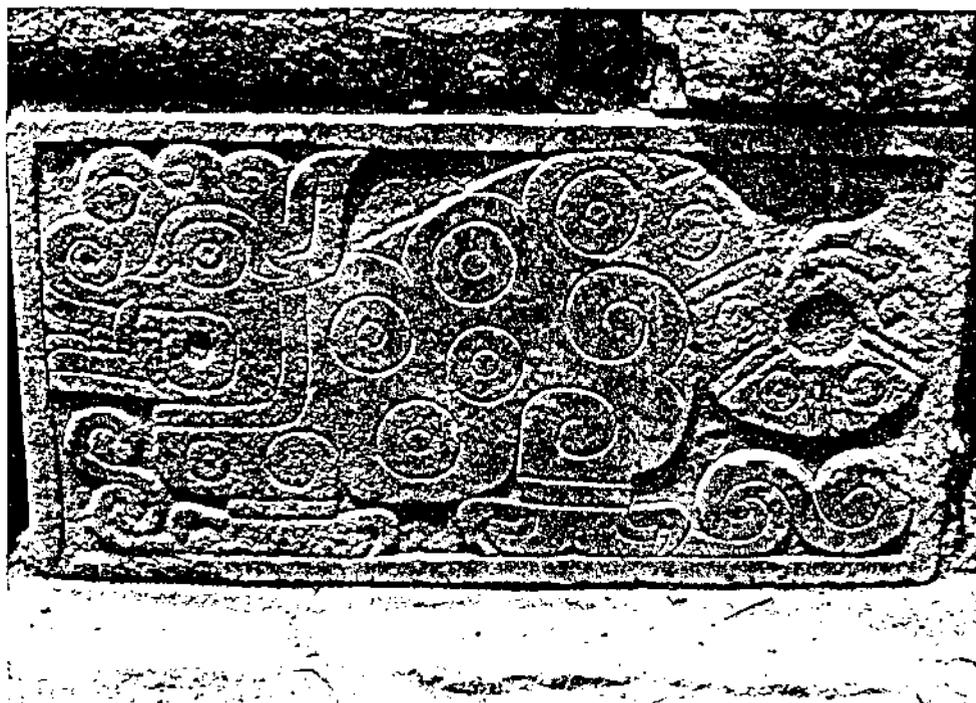
(a)



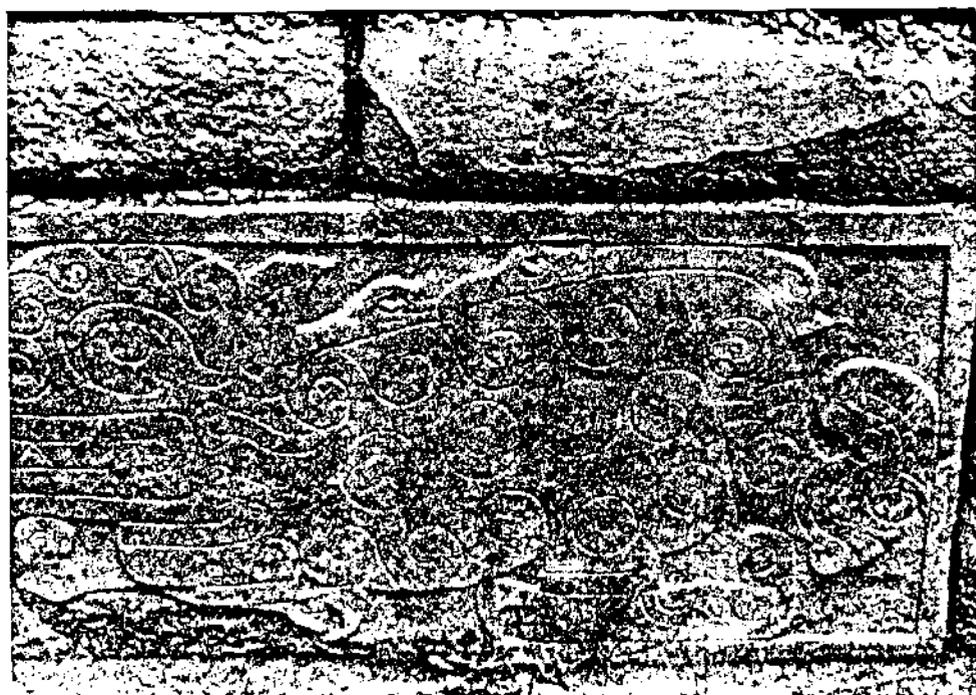
(b)

Fig. 9 (a) Figura em cerâmica grega, mostrando o Cão Cerberu rodeado por cabeças de serpentes, semelhantes às imagens encontradas em Chavín de Huántar.

(b) Cornija (in situ) no Palácio de Chavin, mostrando as imagens de um dragão cerberiforme.

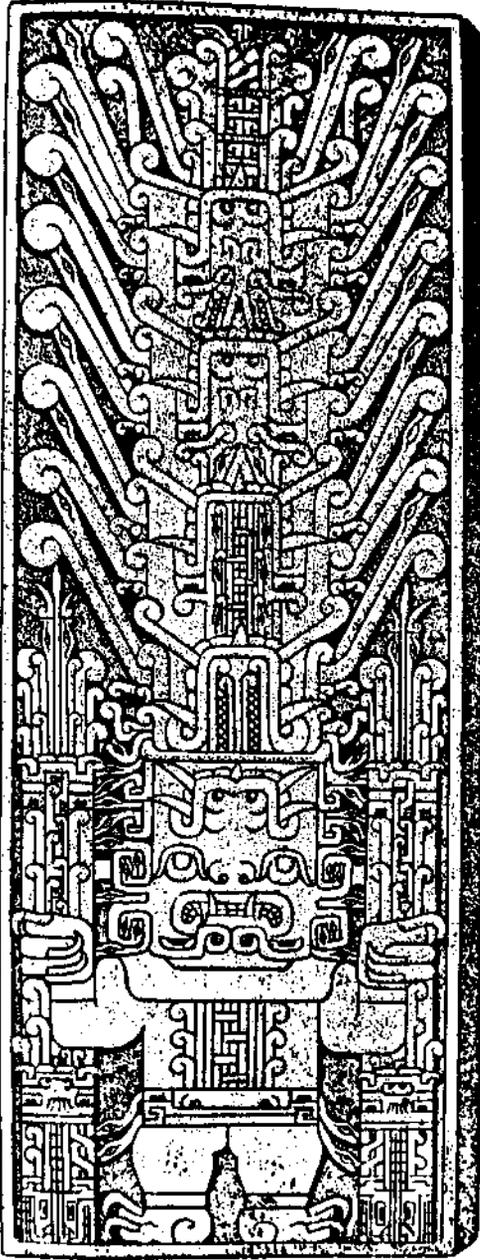


(a)

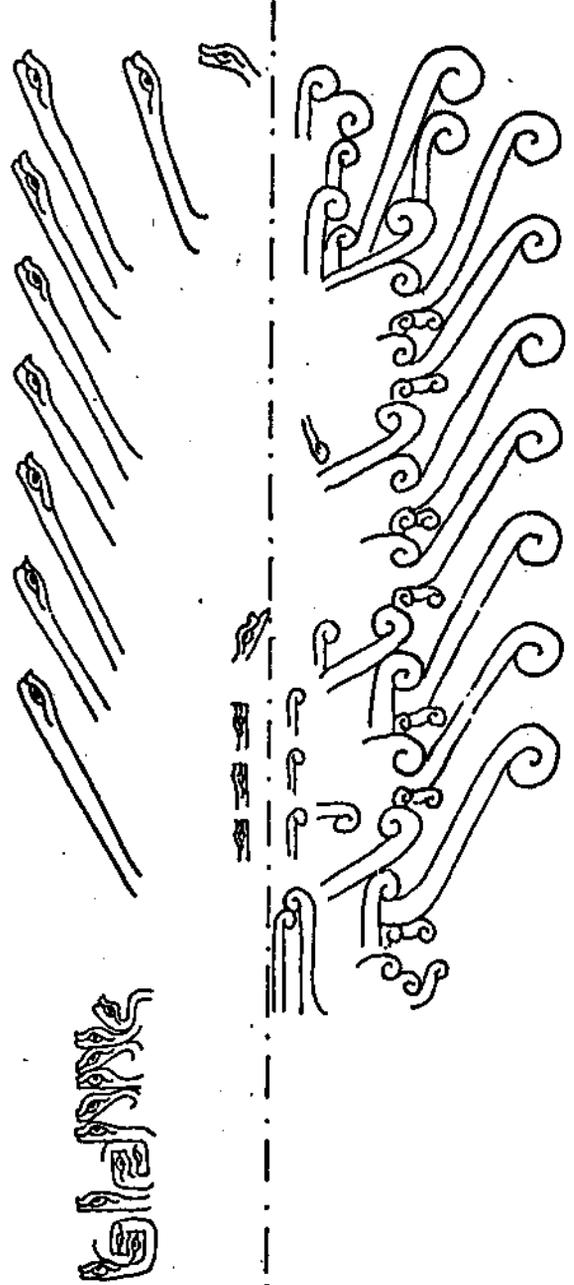


(b)

Fig. 10 Imagens draconianas grabadas em lousas de pedra (in situ), formando o frijo da praça circular situada frente ao templo do "Lanzón". (b) Rodeada por cabeças de serpentes. •



(a)



$1/2$ (50 cabezas) $1/2$ (100 "brazos")

(b)

Fig. 11 (a) Estela Raimondi identificada com a representação de um gigante Hecatônquiros, o titã de 100 braços e 50 cabeças. Possivelmente uma representação antropomorfa do deus Tifão. (b) Esquema mostrando $1/2$ das 50 cabeças e $1/2$ dos 100 braços.

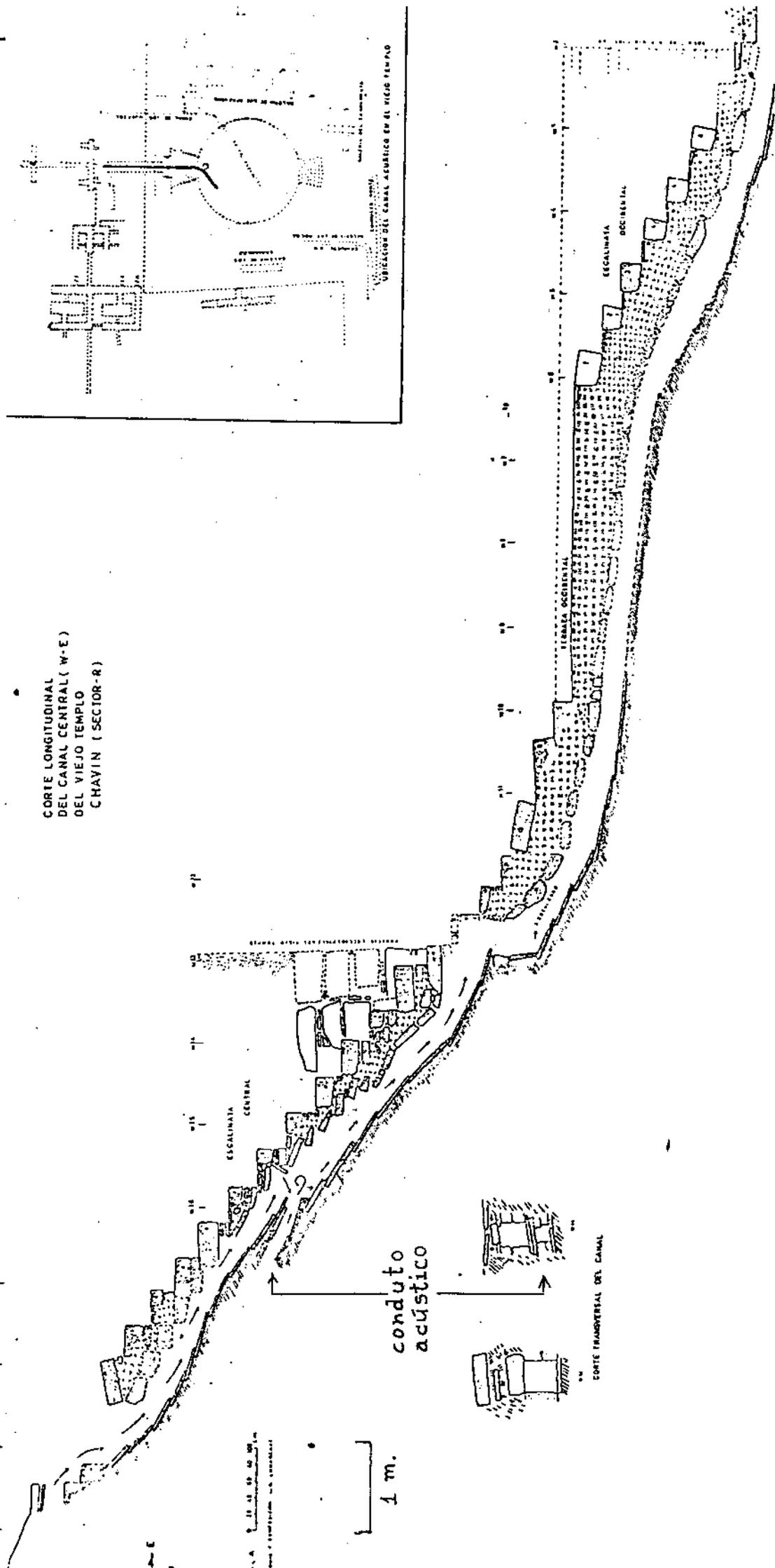


Fig. 12

Bibliografia

- (1) E. Mattievich "Infierno" (Sobre el Origen de la Mitología Griega en el Perú Prehistórico)
Reg. Nº32182 Escritorio de Direitos Autoriais de Rio de Janeiro.1984 (em espanhol).
- (2) Histoire de L'académie Royale Des Inscriptions et Belles Lettres, Tome III, p.5, 1746 (Paris)
- (3) Os Versos da "Teogonia" de Hesíodo foram traduzidos ao português após consultar as seguintes obras:
 - a) "Hesiode" (Et les poètes Elégiaques et Moralistes de la Grèce), Traduction de E. Bergougnan, Libraire Garnier (Paris).
 - b) Hesíodo "Obras y Fragmentos" Biblioteca Clásica Gredos (1978), Madrid, España.
 - c) "Hesiod" Theogony, Works and Days, Shield.
Translation by Apostolos N. Athanassakis. (1983)
The Johns Hopkins University Press, Baltimore.
 - d) Introdução a Hesíodo por Robert Aubreton
Boletim nº 215, nº 6, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras - Universidade de São Paulo - SP (1956).
- (4) Herodoto Liv.IV, 184; "L'Enquête de Hérodote D'Halicarnasse" Classiques Garnier, Paris.
- (5) Malte Brun "Geographie Universale" par M.J.N. Huot T - I, Garnier Frères, Paris.
- (6) Raimondi, A. "El Perú" T-II, pg. 299, (1876), Lima
- (7) Raimondi, A. "El Departamento de Ancash", p.4, (1873) Lima.
- (8) Tello, Julio C. "Chavín" (Cultura Matriz de la Civilización Andina). 1ª Parte, (1960), Lima
- (9) Imbelloni, J. "La Esfinge Indiana", Lamina XV (1926), Buenos Aires.
- (10) Ovide "Les Métamorphoses" Liv. IV, (605 - 804)
Tome I, Les Belles Lettres, (1961) Paris.
- (11) Carta Anua del Perú, fol. 6v. 1619.
Citado por Pierre Duviols, p. 156, 157
Revista del Museo Nacional, T-39
(1973), Lima, Perú.
- (12) Richepin, J. "Nueva Mitología Ilustrada" T-I, p.325, (1927)
Barcelona, España.
- (13) Raimondi, A. "El Departamento de Ancash"; p.215, (1873)
Lima, Perú
- (14) Kauffmann Doig, F. "Manual de Arqueología", p. 210, (1973)
Lima.

APENDICE

INSTITUTO NACIONAL DE CULTURA
MUSEO NACIONAL DE ANTROPOLOGIA Y ARQUEOLOGIA

Pueblo Libre, 24 de Enero de 1986

OFICIO N° 025-DMNAA-86

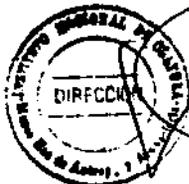
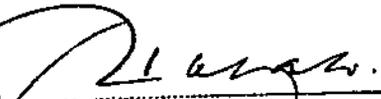
Señor
ENRICO MATTIEVICH
Presente. -

Tengo el agrado de dirigirme a Ud., para felicitarlo por la interesante conferencia que ofreciera sobre "Interpretación Geográfica de la Teogonía de Hesíodo y su relación con Chavín de Huantar", tema que impactó en los asistentes y en especial en los arqueólogos, tanto por su novedoso contenido, como por el interesante enfoque de análisis de los valiosos documentos presentados.

Esperamos que las coincidencias por Ud. descubiertas animen a ampliar las investigaciones sobre el tema.

Agradecemos sinceramente su atención al haber ofrecido en nuestra Institución el resultado de los años de esfuerzo que Ud. viene dedicando a su estudio.

Atentamente,



HERMINIO ROSAS LA NOIRE
Director del Museo Nacional de
Antropología y Arqueología

D/MNAA
HRL/ccm*



CNPq

CONSELHO NACIONAL
DE DESENVOLVIMENTO
CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO

Of. CBPF/DIR/056/86

Rio de Janeiro, 20 de fevereiro de 1986

Prof. Enrico Mattievich
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Instituto de Física
Bloco A 3 e 4º andar
Caixa Postal 68528
21944 Rio de Janeiro, RJ

Estimado Dr. Mattievich,

Gostei do seu artigo sobre a localização Geográfica do Inferno Mitológico. Posso publicá-lo em nossa coleção de preprints "Ciência e Sociedade"?

Cordialmente,

J. Leite Lopes
Diretor do CBPF





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS MATEMÁTICAS E DA NATUREZA
INSTITUTO DE FÍSICA

BLOCO "A" 3º E 4º ANDAR TELS.: 280 7693 - 270-1191 - 280-9322
RAMAIS 120 E 349 CAIXA POSTAL 68528 - CEP 21944 - RIO DE JANEIRO - RJ - BRASIL
EDIFÍCIO DO CENTRO DE TECNOLOGIA - ILHA DA CIDADE UNIVERSITÁRIA

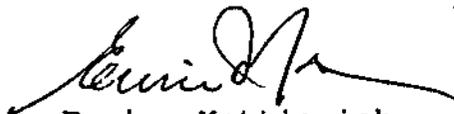
Rio, RJ, 6 de Março de 1986

Ilmo. Prof. J. Leite Lopes
Diretor do CBPF
Rio de Janeiro

Estimado Prof. Leite Lopes,

Sinto-me muito honrado com a sua sugestão. Seria para mim uma grande satisfação ver publicado o meu artigo "Localização Geográfica do Inferno Mitológico" na coleção de preprints "Ciência e Sociedade". Poderia prefaciá-lo o artigo?

Atenciosamente,



Enrico Mattievich